

“El Rebelde en la clandestinidad”: A resistência mirista para além das armasRenata dos Santos de Mattos¹, UFRGS**Resumo**

O presente artigo tem por finalidade refletir sobre a atuação clandestina do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) no Chile ditatorial, especificamente, na publicação do periódico *El Rebelde*. Embora a difusão do jornal já ocorresse anteriormente ao golpe de Estado de 1973, foi apenas com a instauração da ditadura militar no país, com a perseguição do aparato repressivo aos grupos de esquerda e com o assassinato de diversos membros, que o elemento da clandestinidade passou a fazer parte da estratégia de resistência do MIR. Dessa forma, para além das armas, o MIR manteve as publicações ativas, convocando as massas para a luta e difundindo os ideais do movimento, tornando o jornal hoje uma fonte histórica relevante sobre a oposição política em tempos de autoritarismo.

Palavras-chave: MIR; Chile; Resistência; Ditadura.

Abstract

This article aims to reflect on the clandestine performance of the Revolutionary Izquierda Movement (MIR) in dictatorial Chile, specifically in the *El Rebelde* newspaper publications. Even though this newspaper existed prior to the year of 1973, the element of clandestinity came to an end only after the establishment of the military dictatorship in Chile, which brought the persecution of the repressive apparatus of left-wing groups and the assassination of their several members. Thus, in addition to weapons, the MIR kept the publications active, calling the masses to fight and spreading the ideas of the movement, making the newspaper a relevant historical source about political opposition in times of authoritarianism.

Keywords: MIR; Chile; Resistance; Dictatorship.

Introdução

A trajetória do *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) está diretamente ligada ao contexto de disputas entre capitalismo e comunismo na Guerra Fria. Influenciado, sobretudo, pela Revolução Cubana e pela vitória do Movimento 26 de Julho, o MIR e diversos outros grupos de esquerda latino-americanos, lançaram-se na luta contra o imperialismo estadunidense e seus desmandos no continente.

O MIR irrompeu a cena política nacional em agosto de 1965, a partir do *Congreso de la Unidad Revolucionaria* em Santiago. Contendo 21 membros em seu Comitê Geral, dentre eles estudantes e trabalhadores, o MIR elegeu como Secretário Geral do grupo o médico Enrique Sepúlveda. Nessa mesma oportunidade, um amplo e heterogêneo grupo de organizações revolucionárias assumiu a tarefa de conduzir o *Movimiento Popular* no processo de luta pela construção do socialismo no Chile.

¹ Licenciada e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Na chamada *Declaración de Principios*, elaborada em setembro do mesmo ano, o MIR enunciava os fundamentos teóricos e políticos, que guiariam suas ações ao longo dos anos. Autointitulando-se, “vanguardia marxista-leninista de la clase obrera y de las capas oprimidas de Chile”, uma vez que se percebia como herdeiro histórico das tradições revolucionárias chilenas, o movimento tinha por finalidade derrubar o sistema capitalista e substituí-lo por um governo de trabalhadores e camponeses, dirigido pelos órgãos do poder proletário, fixando como principal tarefa a construção do socialismo e a extinção gradual do Estado, até chegar a uma sociedade sem classes (DECLARACIÓN DE PRINCIPIOS, 1965, p. 2). Assim, tendo em vista o contexto de disputas no qual o Chile e o mundo estavam inseridos, “el MIR proclama claramente su apoyo al campo socialista y rechaza categóricamente la idea de una posible neutralidad frente al choque de ambos sectores” (PROGRAMA DEL MIR, 1965, p. 1).

Ao longo dos anos, o MIR passou a apontar as táticas políticas de manutenção do *status quo* utilizadas pela esquerda tradicional, em particular, a luta para reformar o sistema capitalista e o sistema eleitoral, o abandono da ação direta, a incorporação da via pacífica e parlamentar ao socialismo, entre outras. Para o grupo, essas diretrizes confundiam e desarmavam o proletariado, já que, em sua perspectiva, a insurreição popular armada configurava-se como um dos raros caminhos para derrotar o sistema capitalista. Desse modo, é possível dizer que uma das contribuições teóricas e estratégicas mais relevantes do MIR ao pensamento revolucionário chileno foi a introdução das formas armadas de luta como estratégia de enfrentamento com o Estado e as classes dominantes. Além da luta armada, na declaração de princípios observam-se outros elementos que compuseram as bases dessa militância e ilustram as razões pelas quais o MIR se tornou um dos principais inimigos da ditadura civil militar, instaurada pela Junta de Governo posteriormente. Para os miristas,

Nuestro país semi-colonial, tanto por su estructura económica como por su dependencia del mercado mundial, necesita enfrentar tareas básicas: la liquidación del imperialismo y la revolución agraria. Tras estas medidas deben movilizarse a la mayoría nacional compuesta por obreros, campesinos y sectores medios empobrecidos. 1.- La expulsión del imperialismo significa: a) Nacionalización, sin indemnización, de las empresas del cobre, salitre, hierro, electricidad, teléfonos, grandes casas comerciales como Grace, Duncan Fox, Williamson Balfour, etc. y de los bancos extranjeros. b) Ruptura de los pactos que nos atan al imperialismo y afectan a nuestra soberanía nacional, como el Tratado Militar con EE.UU., la OEA, el Fondo Monetario Internacional y otros. c) Desconocimiento de la deuda externa contraída por los gobiernos burgueses con el imperialismo. d) Relaciones comerciales y diplomáticas con todos los países del mundo. 2.- La revolución agraria significa: a) Expropiación, sin indemnización, de las

tierras en poder de los latifundistas, y su entrega a los campesinos que las trabajan, entrega que podrá ser individual o colectiva de acuerdo a las condiciones específicas de cada zona, e irá acompañada de ayuda técnica, de créditos, maquinarias, semillas y demás medidas encaminadas a elevar el nivel de productividad del agro (PROGRAMA DEL MIR, 1965, p. 2)

Com a intenção de apresentar tal plataforma às camadas populares, o MIR valeu-se do acirramento da luta de classes na conjuntura eleitoral de 1970 para penetrar nos setores mais radicalizados do movimento popular urbano e rural. Articulou-se, a partir de então, linhas de frente intermediárias — *Frente de Trabajadores Revolucionarios* (FTR); *Movimiento Universitario de Izquierda* (MUI); *Frente de Estudiantes Revolucionarios* (FER); *Movimiento Campesino Revolucionario* (MCR); e o *Movimiento de Pobladores Revolucionarios* (MPR),- destinadas a sistematizar as demandas populares e a levantar suas bandeiras. Nesse sentido, foi percebido um aumento qualitativo nos setores estudantil, *poblacional* e de camponeses. Paralelamente a isso, estreitavam-se as relações no interior dos grupos políticos que formavam a Unidade Popular (UP), especialmente com dirigentes de Partido Socialista (PS).

O governo de Salvador Allende

Vitorioso nas eleições presidenciais de 1970, Salvador Allende foi o primeiro socialista a chegar a tal posto pelas vias democráticas na América Latina. As diversas tentativas de Allende para chegar à presidência se deram pelos objetivos que percorreu durante sua carreira política, dentre eles: governar para o povo. A coalizão entre os partidos de esquerda que formaria a Unidade Popular foi tecida em torno de valores semelhantes aos do MIR, no que diz respeito à luta contra o imperialismo e a desigualdade social, porém sem abandonar o pluralismo e a democracia.

Formada pelos Partidos Comunista (PCCh), Socialista (PS), Radical (PR) e Social Democrata (PSD), o Movimento de Ação Popular Unitário (MAPU) e a Ação Popular Independente (API), a UP firmou em seu Programa Básico de Governo o compromisso com as classes populares. Ao redigir que o governo popular tinha a dupla tarefa de "preservar, hacer más efectivos y profundos los derechos democráticos y las conquistas de los trabajadores; y transformar las actuales instituciones para instaurar un nuevo Estado donde los trabajadores y el pueblo tengan el real ejercicio del poder" (PROGRAMA BÁSICO DEL GOBIERNO DE LA UNIDAD POPULAR, 1969, p. 7-8), a coalizão propôs uma completa inversão dos tradicionais valores da sociedade naquele momento. A expectativa era de que,

caso a esquerda vencesse o pleito, os maiores beneficiários da transferência de poder seriam os trabalhadores, e não somente a classe dominante.

A proposta da UP foi vista com respeito não apenas pelo empenho, que aplicou na elaboração coletiva de seu programa, mas também pela esperança de que a presidência de Allende fosse coerente com seu discurso. "El Gobierno Popular garantizará el ejercicio de los derechos democráticos y respetará las garantías individuales y sociales de todo el pueblo" (PROGRAMA BÁSICO, 1969, p. 8), era a clara mensagem do compromisso da esquerda no respeito às vias institucionais enquanto governo, contrariando as posteriores alegações dos setores militares e conservadores de que se instalaria no Chile uma "ditadura marxista-leninista".

Na prática, Allende sofreu uma série de reveses políticos ao longo dos mil dias² em que governou. Além da intervenção estadunidense no país, consequência do medo de uma "nova Cuba" no continente e da implantação do socialismo pela via democrática, os embargos econômicos, os boicotes a projetos políticos, a contrapropaganda e o financiamento de grupos paramilitares e *lock outs* tornaram-se uma constante já no final dos anos 1970, no país (MATTOS, 2015, p. 36). De modo, a minimizar os impactos dessa instabilidade, Allende tentou manter um tom conciliador com a heterogênea oposição e, alinhado à postura do PCCh, realizar a transição ao socialismo a partir da ideia de "*consolidar para avanzar*", dando "continuidade às políticas do governo em menor escala, intensificando o diálogo a DC [Democracia Cristã] e corrigindo as falhas de direção relacionadas à área nacionalizada" (BORGES, 2011, p. 83). Em razão disso, Allende passou a sofrer críticas dentro da própria esquerda, sobretudo do MIR e do PS, adeptos da ideia de "*avanzar sin transar*", postura que visava maior agilidade nos processos de mudança e menor diálogo com a Democracia Cristã.

Segundo Márcia Cury,

Fora da Unidade Popular, o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) propugnava a instauração imediata do regime socialista, no qual os trabalhadores exerciam o poder econômico e político a partir da criação de um Estado operário-camponês. O movimento que defendia a luta armada para a conquista do poder e a formação de milícias populares declarou o seu apoio à Unidade Popular, mesmo reafirmando considerar um erro a insistência nas vias institucionais (CURY, 2017, p. 217-2018).

Pelas ações que contrariavam os limites legais, dentro dos quais Allende prometera atuar, o MIR chegou a ser considerado pela CIA como "un brazo de acción encubierta" do

² Período entre 4 de novembro de 1970 a 11 de setembro de 1973.

governo, um órgão destinado a extrapolar a lei quando essa impedisse as mudanças almeçadas (BASSO, 2013, p. 223) e, simultaneamente, um possível responsável por debilitar a administração da UP, fato apontado como favorável na perspectiva de Henry Kissinger e o governo estadunidense (FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES, 1970, p. 486). O fato é que o MIR se manteria como um dos elementos de pressão ao governo de Allende, mesmo estando ao seu lado nesse processo político. Essas divergências se tornariam ainda mais evidentes nos primeiros momentos em que a economia sofreu estagnação, com o aumento da inflação e as primeiras greves patronais, como indica Elisa Borges,

O ano de 1972 foi marcado por uma extrema polarização entre direita e a esquerda, por desentendimentos entre os partidos que compunham a UP, pelo financiamento por parte do governo norte-americano a grupos paramilitares e às ações “terroristas”. Neste ano, a economia entrou em crise. Houve boicote à produção e distribuição de alimentos e mercadorias, causando problema sério de desabastecimento e, ainda, greve geral em outubro, indicando crise com radicalização da política interna. [...] Entre os próprios partidos de esquerda, que compunham a UP e também com o MIR, o desentendimento era cada vez maior (BORGES, p. 140).

Concomitantemente a isso, o radicalismo do MIR seguiria sendo criticado pela esquerda partidária, especialmente após o golpe de Estado. Ainda durante a democracia, as posições do grupo somadas às ações de Allende, acusado diversas vezes de proteger e estimular integrantes do MIR, passariam a ser compreendidas como munição para a oposição apoiar um levante militar. O movimento, contudo, permaneceu até as vésperas do ataque ao *La Moneda*, tentando atrair membros da UP para uma tática que levasse em consideração a opção armada (BRUM, 2016, p. 133). Isso porque, segundo Cury (2017, p. 218), “a esquerda chilena tinha uma formação discursiva comum pautada no marxismo da III Internacional, com suas concepções acerca do Estado, do poder e da revolução que remetiam a uma tradição insurrecional, que identificavam a revolução com a tomada do poder”.

Até 1973, como produto de sua análise sobre a situação política nacional e a avaliação de seu alcance na penetração e condução do movimento de massas, o MIR concluía que existiam somente dois caminhos para o desenvolvimento da luta de classes no Chile: a devolução de empresas tomadas e a convocatória de um plebiscito para dirimir o conflito político ou a contraofensiva revolucionária. Na ocorrência desta última desencadear um golpe de Estado, acreditava-se que haveria força necessária para conter as forças armadas (PÉREZ, 2003, p. 9). Assim, nesse mesmo ano, o MIR tomou a decisão de passar os seus quadros médios para a clandestinidade, prevendo os eventos futuros. Ação essa que foi assimilada

pelos demais membros do MIR e por seus meios de comunicação³ após o 11 de setembro, como será o caso do jornal “*El Rebelde*”.

O golpe de Estado, a perseguição e o *El Rebelde en la clandestinidad*

A proclamação militar, em cadeia radiofônica, no dia 11 de setembro de 1973, anunciou o bombardeio ao palácio do governo como resposta à negativa do presidente eleito para deixar seu posto. Instantes antes da sua morte, declarando seus sentimentos de esperança e de superação daquele “momento gris y amargo, donde la traición, pretende imponerse”, Allende transmitiu aos trabalhadores e trabalhadoras as ideias que o mobilizaram ao longo de sua trajetória política. Na perspectiva de Mario Amorós,

El golpe de estado del 11 de septiembre de 1973 significó una quiebra hasta hoy irreparable en la historia de Chile. El derrocamiento del gobierno constitucional, el bombardeo de la moneda y la muerte del Presidente Salvador Allende marcaron para siempre al régimen de Pinochet y anunciaron lo que sobrevendría desde aquel mismo día y durante muchos años: el absoluto desprecio por la dignidad de millones de seres humanos y la vulneración de todas las libertades democráticas. Además, aquella sublevación militar, respaldada por la derecha y la dirección del PDC, abrió paso también a la refundación del país en términos políticos, culturales, económicos, sociales e incluso psicológicos (AMORÓS, 2009, p. 5).

A refundação mencionada por Amorós marcou as primeiras declarações da Junta de Governo estabelecida e tornou-se o objetivo maior da ditadura, que através de táticas de apagamento do passado, ansiava pelo alegado nascimento de uma “nova pátria”, com diferentes valores. A ata de constituição da Junta, mais do que a vontade dos militares em “restaurar la chilenidad”, apresenta a sua aversão ao governo anterior, compreendido como a “intromisión de una ideología dogmática y excluyente, inspirada en los principios foráneos del marxismo-leninismo” (CHILE, 1973). No mesmo dia, após a destituição do almirante Raúl Montero, José Toribio Merino, autodesignado comandante-em-chefe da Armada e membro da Junta de Governo, afirmou não se tratar de um golpe, já que a “consciência legalista” e o “espírito cívico” das forças armadas os impediam de fazê-lo. Segundo o novo comandante, a partir da tomada do poder somente “gobernarán los más capaces y honestos”, “formados en una escuela de civismo, de respeto por la persona humana” (CHILE, 1973), fatos que o próprio processo histórico contradiz.

³ Além do *El Rebelde*, o MIR controlou a Agencia Informativa de la Resistencia (AIR), o Correo de la Resistencia (México), o *El Combatiente* e a Rádio Liberación.

Em dezembro de 1973, o MIR estabelecia que o golpe de Estado havia fechado o período pré-revolucionário (governo da UP), e aberto o período contrarrevolucionário, que se caracterizaria pela tentativa da classe dominante de restaurar seu sistema de dominação, resolvendo a crise interna e freando brutalmente o movimento de massas. Nesse novo período, os aspectos gerais do programa mirista não sofreram alterações. Insistia-se na urgência da revolução proletária para o Chile, que deveria combinar as tarefas democráticas e socialistas. O objetivo inicial do MIR continuava sendo a destruição do Estado burguês, do imperialismo e do conjunto da grande burguesia nacional, agrária, financeira e comercial. “A partir de 1973, la representación del Estado burgués la había sumido la ‘Dictadura Militar Gorila’, que pasaba a convertirse en el enemigo” (DONOSO, 2011, p. 217).

“El MIR no se asila” foi o principal lema entre os militantes do MIR após o golpe de Estado. Membros e dirigentes do grupo tinham a ordem de permanecer no Chile e lutar a partir da clandestinidade. A intenção do movimento era manter os quadros da militância unidos e fortalecidos para enfrentar as arbitrariedades do Estado e não deixar os trabalhadores à própria sorte, passando a considerar “el asilo político como una verdadera traición” (ZÁRATE et.al., 2006, p. 163). Como expressa Fernando Carter,

es bueno tener en consideración el ambiente político en la cual el MIR fue fundado: La Guerra Fría. Donde dejar la vida por las ideas parecía ser el deber ser de las personas que estaban involucradas en política. Prueba de aquello es la decisión que tuvo el movimiento de no buscar asilo en el exterior y crear una oposición activa dentro del país (CARTER, 2013, p. 59).

Sobre isso, Rolando Álvarez, pesquisador acerca da experiência do Partido Comunista no Chile durante a ditadura Pinochet, menciona a configuração de um novo tipo de militância, aquela que não é mais visível e que abandona o cenário político aberto. O autor afirma, ainda, que o caráter terrorista da ditadura foi um importante elemento para moldar de maneira determinante o perfil da militância clandestina, o que incidiu sobre a mudança na linha política do Partido Comunista Chileno, a partir de 1980, e que pode ser percebido no caso do MIR, embora os processos quanto à clandestinidade e enfrentamento da ditadura sejam distintos para ambos os grupos. Segundo o autor,

[...] la militancia clandestina en esos años fue una de las expresiones de cómo las relaciones de poder de la época, aunque tremendamente desniveladas, no dejaron de enfrentarse en el campo de fuerzas que comprendía la sociedad chilena. En efecto, hubo sectores de la población que resistió desde un primer momento a estos dispositivos de dominación, que mezclaban el miedo, los placeres y el terror. Las relaciones de poder engendraron también resistencia. En ese sentido, fluyeron subjetividades distintas, que crearon nichos de poder que hacían frente a los poderes

estatales y sociales que remaban al ritmo de la dictadura. Una de ellas fue la vida de la clandestinidad creada por los partidos políticos de izquierda. (ALVAREZ, 2001, p. 12)

Há de se destacar que, a condição da clandestinidade para o MIR e os demais grupos de esquerda não foi linear, ela responde não só pelo aprimoramento das técnicas repressivas, mas também pelas necessidades estratégicas e táticas dela; necessidades ditadas por contradições internas entre os membros da Junta; disputas de poder entre as forças da repressão, e por fatores internacionais de pressão. No caso do MIR, que já possuía parte de seus membros na clandestinidade, a especialização da repressão estatal e a perseguição desencadeada pelo aparato repressivo, contribuíram para a generalização dessa forma de resistência dentro do movimento. O crescimento da *Dirección de Inteligencia Nacional* (DINA)⁴, a associação entre membros das diversas forças armadas no que se convencionou chamar Comando Conjunto (CC), e a ação violenta de outros órgãos de inteligência e segurança desencadearam um modo de agir entre os militantes políticos. Assim como, o aparato repressivo atuava de maneira secreta, prendendo, torturando, desaparecendo e assassinando militantes políticos, o MIR e outros grupos passaram a se valer dessa mesma estratégia, porém para articular operações, sobreviver e resistir às ofensivas do Estado. Em resumo,

[...] la clandestinidad fue capaz de generar una mística especial, inolvidable y tremendamente querida por aquellos miles que la experimentaron; fue capaz allí donde primaba el miedo, el terror, la indiferencia, el acomodo, de poner en movimiento un dispositivo de resistencia que hacía ver el mundo que se les presentaba, de otra forma, posible de hacerle frente, posible de cambiarlo, en fin, que los hacía sentirse como agentes creadores de futuro.⁵

Logo nos primeiros momentos da ditadura, levando em conta a situação da clandestinidade, a Comissão Política do MIR, liderada por Miguel Enríquez, passou a realizar balanços e lançar estratégias de resistência, ao passo que Pinochet e a Junta solidificavam seu poder e bloqueavam a ação dos partidos de esquerda. No documento “Pauta del MIR para unir fuerzas dispuestas a impulsar la lucha contra la dictadura” (1974), o grupo passou a ponderar a necessidade de unir forças com outros grupos progressistas e de esquerda para impulsionar a

⁴ Órgão criado em 1973 e oficializado em junho de 1974. Idealizado e coordenado pelo general Augusto Pinochet e o coronel Manuel Contreras, a DINA atuou de maneira independente, respondendo somente ao ditador chileno. Até sua dissolução em 1977, esse organismo esteve envolvido nas mais graves violações aos direitos humanos ocorridas durante a ditadura, sendo exemplos disso as operações Colombo, Condor e a criação de diversos centros clandestinos de detenção. Sobre a Dirección de Inteligencia Nacional ler MATTOS, Renata S., **A Dirección de Inteligencia Nacional (DINA), o Terrorismo de Estado no Chile e as relações com o imperialismo estadunidense (1973-1977)**. 2019, 253 f. Dissertação de Mestrado. Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

⁵ ALVAREZ, *op.cit.*, p. 13

luta contra a ditadura. Assim, o MIR tentou, a partir da estratégia da coesão, unir setores da extinta UP e do Partido Democrata Cristão (PDC) numa “frente política de resistência”, que conservaria as características e propagandas individuais de cada organização, mas direcionaria suas estratégias para um único objetivo: o combate à ditadura (SILVA, 2016, p. 2016). Uma proposta sem muitos resultados devido ao aumento da repressão e ao exílio de diversos dirigentes políticos.

Apesar disso, outras estratégias foram postas em prática. Exemplo disso, é a formação de organismos de bases, atuantes nas fábricas, universidades, bairros e em todos os locais onde havia reunião, fugindo das tradicionais formas de organização dos trabalhadores, duramente controladas pela ditadura. Nesses espaços, os Comitês de Resistência buscaram revigorar o movimento popular e aproximar os cidadãos do MIR (LOPEZ, 2009, p. 104). Ao lado das organizações clandestinas estavam as organizações legalizadas, que embora instrumentalizadas pela ditadura e suas diretrizes, poderiam ser pressionadas desde a base, conquistando alguma legitimidade do Estado para as demandas dos trabalhadores, abrindo, assim, um campo de ação para empregar organizações clandestinas de base, como os Comitês. Ao mesmo tempo, grupos semiclandestinos próximos ao MIR, como o *Comité de Cooperación para la Paz en Chile* (COPACHI), de caráter ecumênico, que funcionou de outubro de 1973 a dezembro de 1975, exerceram a importante função de proteção e auxílio aos sobreviventes e familiares de mortos e desaparecidos, demonstrando a importância de todas as formas de aparelhamento da resistência no período. Em substituição ao COPACHI, forçado a cessar suas atividades por Augusto Pinochet, nasceu a *Vicaría de la Solidaridad*, criada por meio do Decreto Episcopal nº 5-75, que garantiu sua existência até a transição democrática.⁶

Outro aspecto relevante e de destaque neste artigo é a transformação do jornal *El Rebelde* em ferramenta de luta contra a ditadura. Antes do golpe de Estado, havia uma pluralidade de meios de comunicação e imprensa, ou seja, diversidade de linhas editoriais, que mostravam diferentes pontos de vista associados à direita e à esquerda. No entanto, a partir de 12 de setembro de 1973 passou a existir somente a imprensa oficial da ditadura, aquela alinhada aos valores antidemocráticos, que influenciou no desenvolvimento do golpe e em diversos casos, foi financiada pelos Estados Unidos da América. “Solo dos diários pudieron circular al día siguiente, pero luego con el paso de los días fueron apareciendo otras

⁶ Arzobispado de Santiago Fundación Documentación y Archivo de la Vicaría de la Solidaridad. Disponível em: <<http://www.vicariadelasolidaridad.cl/>>

publicaciones, todas prescritas al pensamiento de los opresores” (VALADARES, 2015, p.16). Nesse sentido, para obter outras informações, a população recorria aos meios de comunicação clandestinos, que paulatinamente passaram a suprir essa demanda. *El Siglo*, do PCCh e *El Rodriguista*, da Frente Patriótico Manuel Rodríguez (FPMR),⁷ são exemplos de publicações clandestinas, surgidas antes e posteriormente ao golpe, respectivamente, e assim como *El Rebelde* assumiram um importante papel como aponta Marlene Valadares:

Son estos tipos de medios de comunicación clandestinos los que tenían mayor influencia en las personas, mucho más que los propios medios oficialistas o que los diarios y canales de televisión con más aparataje y mayor producción técnica, ya que eran los mismos ciudadanos, los trabajadores, estudiantes, mujeres, parientes de detenidos desaparecidos, los que redactaban la información. Eran escritos por ellos y consumidos por ellos. Era un tipo de comunicación totalmente legítima para dar a conocer lo que les sucedía.⁸

Assim, com a intenção de agregar maior número de militantes capazes de, unidos, derrubar o regime imposto, defender os valores ideológicos da esquerda e da luta armada, bem como denunciar as violações perpetradas pelo aparato repressivo de Pinochet, o MIR recorreu à difusão de um periódico semanal. Nascido em 1962, o *El Rebelde* pertenceu à *Vanguardia Revolucionaria Marxista* (VRM) até o surgimento do MIR, quando passou a assumir o papel de órgão oficial do partido (NERCESIAN, 2017, p. 266). Até dezembro de 1973, o jornal era editado pelo destacado membro do MIR, Bautista Van Schouwen⁹, processo que foi interrompido pelo seu desaparecimento e retomado no ano seguinte por outras importantes lideranças: Andres Pascal¹⁰, Nelson Gutiérrez¹¹, Dagoberto Pérez¹² e

⁷ A Frente Patriótico Manuel Rodríguez foi uma organização armada chilena, batizada assim em homenagem a um importante símbolo da independência chilena Manuel Rodríguez. O grupo foi fundado em 1983, como o braço armado do Partido Comunista do Chile (PCCh), e permaneceu ativo até 1999.

⁸ VALADARES, *op.cit.*, p. 24

⁹ Bautista Van Schouwen Vasey, casado, médico cirurgião, membro do Comitê Central do MIR e editor do *El Rebelde* até 1973, foi preso em 13 de dezembro desse mesmo ano na paróquia de Los Capuchinos, localizada na Catedral 2345, Santiago. A prisão foi realizada por agentes civis armados, apoiados por policiais mobilizados. Van Schouwen permanece como um desaparecido da ditadura chilena. Sobre Bautista Van Schouwen ler HERNÁNDEZ, Martín V. **El pensamiento revolucionario de Bautista van Schouwen (1943-1973)**, 2004. Disponível em: <<https://lahaine.org/b2-img/schowen.pdf>>

¹⁰ Sobrinho do ex-presidente Salvador Allende, Andrés foi membro da Comissão Política do MIR até 1974, quando Miguel Enríquez é assassinado em combate. A partir desse momento, passa a assumir o posto de secretário geral na clandestinidade, permanecendo assim até 1985.

¹¹ Juntamente com Luciano Cruz e outros jovens, Gutiérrez dedicou-se à organização do MIR na atual região de Bío Bío. Ambos se tornaram membros da comissão política do MIR, quando Miguel Enriquez foi eleito secretário geral da organização. Em 1975, já na clandestinidade, foi ferido numa ofensiva da DINA contra a direção do MIR, na rua Malloco. Após esse evento, partiu para o exílio na Suécia e depois em Cuba, passando a fazer parte da direção exterior do grupo.

¹² Pérez foi membro da Comissão Política do MIR e assassinado pela DINA no enfrentamento em Malloco. Assim como ele, seus irmãos Aldo e Carlos Pérez foram mortos por agentes da DINA em 1974, quando buscavam informações sobre Dagoberto.

Martín Hernández¹³, até 1975. Nesse mesmo ano, o feroz ataque da DINA contra a direção do MIR gerou uma etapa de “caos porque no había CP [Comité Político] que mandara la línea, y debíamos darla nosotros. Com variaciones, esa tarea siempre estuvo en mi columna [Horacio Marotta]¹⁴ y la dirigía (Augusto) Carmona¹⁵” (VICKER, 2012, p. 77). Apesar das instabilidades decorrentes da vida sob o jugo ditatorial, o *El Rebelde*¹⁶ foi produzido ao longo de todo o regime, passando a clara mensagem de que estava orientado a ser:

[...] un periódico de combate. No trae un mensaje de resignación ni pacifismo, sino el de la rebeldía obrera ante la miseria y humillación a que los condena el capitalismo [...] Los combates callejeros, las huelgas con ocupaciones de fábricas y la extraordinaria decisión combativa de los trabajadores en el último período, están demostrando que los obreros y campesinos se han puesto altivamente de pie, que no tolerarán que el estado y las clases dominantes dejen caer el peso de la crisis económica sobre las espaldas de los más pobres, que ya son muchos los explotados que están endureciendo sus métodos de lucha, pasando rápidamente de los conflictos legalistas - que solo favorecen a los patrones- a los enfrentamientos con métodos revolucionarios [...] Por la razón y la fuerza, los trabajadores al poder (VIDAL, 2013, p. 222).

Desde seus primeiros exemplares, o MIR deixa claro seu objetivo de atingir as massas com a circulação do periódico e de recrutar militantes para os enfrentamentos advindos da luta contra o sistema capitalista e interclassista. A imprensa mirista se dirigiu concretamente “a sujetos sociales que se revelaron como sujetos en lucha contra la dictadura, es así que es de vital importancia reconocer el relato que se les dirigía para animarlos a participar de la lucha resistente” (HIDALGO, 2018, p. 107). A rede de distribuição formada por companheiros do PS, PCCh, MAPU e até membros do PDC, embaixadas e jornalistas infiltrados na imprensa oficial, garantia o alcance do *El Rebelde en la clandestinidad* nos mais diversos espaços.¹⁷

A existência do MIR e sua combatividade à ordem vigente desde a década de 1960, no Chile, representava por si só a oposição. Assim, o *El Rebelde*, antes difundido abertamente, é

¹³ Hernández foi co-fundador do MIR em 1965. Após o golpe de Estado, quando se preparava para deixar o Chile secretamente para se juntar ao trabalho estrangeiro de Edgardo Enriquez, a DINA chegou à trama de Malloco, onde morava a última Comissão Política do MIR. Em novembro daquele ano, ele foi preso e condenado por tribunais militares a 25 anos de prisão. Em 1978, ele saiu livre com a lei de Anistia de 1980 e permaneceu no Chile, mas logo foi novamente preso pela CNI e decidiu exilar-se. Ele viveu na França e depois em Cuba, retornando ao seu país somente em 1988.

¹⁴ Marotta foi membro do Comitê Central do MIR desde 1966. Após o embate da rua Malloco, o jornalista passou a ser responsável pela seção de propaganda do movimento. Em 1977 foi preso e torturado por agentes da Central Nacional de Informaciones (CNI) e da DINA

¹⁵ Carmona foi dirigente do MIR, membro do Comitê Central, redator da Revista Punto Final e do El Rebelde e chefe do canal 9 de televisão. Em 1977, foi assassinado por agentes da CNI em confronto.

¹⁶ O jornal também contou com a participação dos jornalistas Diana Frida Arón Svigilisky e Mario Calderón Tapia, ambos membros do MIR, presos e desaparecidos em 1974. (VICKER, op.cit., p.65)

¹⁷ VICKER, op.cit., p.120

conduzido a “la clandestinidad”, elevando-o à categoria de ferramenta de luta, tornando-o um instrumento de sobrevivência e resistência. Dessa maneira, pensando nos anos de maior repressão e de propagação do Terrorismo de Estado¹⁸, praticado principalmente pela DINA - principal algoz dos integrantes do MIR entre os anos de 1974-1977- buscou-se utilizar como metodologia a análise das edições¹⁹ referentes a esse período, disponíveis no *Archivo Chile*²⁰, vinculado ao *Centro de Estudios Manuel Enriquez (CEME)*, na tentativa de observar o conteúdo e as pautas da organização de esquerda, para combater as políticas autoritárias e neoliberais, características do regime ditatorial de Augusto Pinochet.

Dando início ao exame do periódico, a edição de abril de 1975, no tópico “Reproducir el Rebelde para las masas”, o MIR explica como ocorria a sua difusão mensal pelos campos e cidades do Chile, “reproducido en fotos, a mimeografo, a máquina e incluso a mano son decenas y miles de trabajadores que lo leen, lo estudian y lo difunden” (EL REBELDE, 1975, p. 21). Essa, que seria uma tarefa de massas, contava com a iniciativa de membros do movimento e cidadãos externos que, correndo riscos, reproduziam-no e o distribuía clandestinamente. Dessa forma, para que o periódico alcançasse o maior número de leitores possível, o MIR lançou o “Manual de Propaganda de las bases del MIR que enseña un procedimiento simple y barato de reproducción”, dando orientações sobre a diagramação e os títulos que deveriam ser utilizados, destacando que “quien este dispuesto a reproducir nuestro periódico debe hacerlo en la forma que le sea mas fácil; lo que importa es el contenido, no la forma”²¹

Levando em conta a importância do conteúdo destacado pelos próprios editores do jornal, foi possível identificar algumas das principais linhas de informações publicadas nas edições analisadas, tais como: panfletária/ divulgação dos princípios do MIR, de crítica à ditadura e de denúncia das violações dos direitos humanos cometidas pelo Estado. Assim, a partir do golpe de Estado, ao foco da publicação é somada a ideia de sobreviver dentro do

¹⁸ Como Terrorismo de Estado adota-se o conceito de Tomás Moulian, sociólogo e cientista político chileno, que o compreende como sendo “[...] la capacidad que tiene un Estado de actuar sobre los cuerpos de los ciudadanos sin tener que reconocer límites en la intensidad de las intervenciones o los daños y sin tener que enfrentar efectivas regulaciones en la determinación de los castigos o prohibiciones. Terror es la capacidad absoluta y arbitraria de un Estado de inventar, crear y aplicar penas o castigos sin más límites que las finalidades que se ha definido. Terror es la capacidad de un Estado para conseguir el acuerdo de muchos ciudadanos, que se auto conciben como pacíficos y tolerantes, para usar violencia y daños contra los enemigos políticos, en nombre de un bien mayor.” (MOULIAN, 1997, p. 22)

¹⁹ No acervo constam 11 exemplares respectivos à data mencionada. No *Archivo Chile* é possível encontrar mais de 50 edições que vão de 1974 a 1988.

²⁰ *Archivo Chile*. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Archivo_Mir/html/mir_rebelde.html>

²¹ EL REBELDE, *op.cit.*

mais improvável cenário, já que, no período chamado pré-revolucionário, apesar dos conflitos entre o MIR e a extinta UP, essa favorecia o grupo liderado por Miguel Enríquez, concedendo-lhe liberdade de atuação. No que diz respeito às publicações panfletárias, o MIR buscava enaltecer a luta da esquerda, mostrando-se preparado para enfrentar o Estado contrarrevolucionário. Um exemplo disso são os trechos retirados da edição n°102, de dezembro de 1974:

El MIR es ya indestructible, se ha fortalecido internamente, ha aprendido a trabajar en la clandestinidad y por sobre todo ha echado profundas raíces en la clase obrera y multiplicando sus vínculos con las masas. Nuestro partido estaba y está preparado para situaciones como la muerte o caída de nuestro Secretario General y aún de toda o de mayor parte de nuestra dirección. La lucha revolucionaria clandestina exige prever aún esas circunstancias (EL REBELDE, 1974, p. 2).

A construir el partido revolucionario del proletariado. A unir a la izquierda en el frente político de la resistencia. A multiplicar los Comités de resistencia y el movimiento de resistencia popular. A desarrollar la resistencia activa. Compañero Miguel Enríquez: hasta la Victoria o la muerte. Viva nuestro partido y el partido revolucionario del proletariado chileno. Viva la resistencia chilena. Viva la revolución proletaria chilena. Viva nuestros héroes y mártires.²²

Em ambos os fragmentos é possível notar alguns dos elementos discursivos do MIR no período pós-golpe, ou seja, a clandestinidade, a negação ao exílio e a organização resistente. Tais publicações ao mesmo tempo em que correspondem ao contexto de extrema violência e morte de Miguel Enríquez, principal expoente do movimento naquele momento, subestimam a capacidade de ação e a extensão do organismo terrorista arquitetado por Manuel Contreras.

Ao longo do ano de 1974, Modesto Segundo Espinoza Pozo, Francisco Javier Bravo Nuñez, Gloria Ester Lagos Nilsson, Hernán e Maria Elena González Inostroza, e outros militantes foram levados para centros clandestinos de detenção da DINA, tais como Londres 38, José Domingo Cañas, Cuatro Álamos e Villa Grimaldi, sendo presos e torturados para informar sobre o paradeiro de outros companheiros (INFORME RETTIG, 1996). No dia 5 de outubro, os agentes Miguel Krassnoff, Marcelo Moren Brito, Osvaldo Romo²³ e outros protagonizaram um cerco militar na rua Santa Fé, resultando em uma das mais significativas baixas do MIR. O episódio conhecido como *Calle Santa Fé* culminou na execução de Miguel Enríquez em combate e no crítico estado de saúde de sua companheira grávida, Carmen

²² EL REBELDE, *op.cit.*, p.7

²³ Membros das Brigadas Repressivas da DINA, esses agentes foram reconhecidos torturadores, condenados no período democrático pelas violações aos direitos humanos praticadas ao longo da ditadura.

Castillo.²⁴ A despeito dos eventos, “se seguía instando a los militantes a aplicar las políticas que emanaban desde la dirección y se multiplicaban los llamados a redoblar las tareas en pos de los objetivos trazados, sobrevalorando así la capacidad de accionar del partido” (LÓPEZ, 2009, p. 129).

Além dos chamados à população para combater a ditadura, as denúncias aos crimes perpetrados pelo Estado foram utilizadas pelo MIR no periódico, como alerta e como forma de lançar luz às operações da DINA e de outros órgãos de inteligência, que agiam clandestinamente. Ainda na edição de dezembro de 1974, a fim de caracterizar o período de violações sistemáticas, o jornal relembra casos emblemáticos de miristas caídos pelas mãos do Estado:

La desesperación de la dictadura se expresa en una histórica represión sobre el MIR, que los ha llevado a la detención y tortura de guaguas, niños pequeños, ancianos y mujeres embarazadas; a la violación de mujeres, a la persecución, detención y tortura de familiares de perseguidos políticos, al asesinato de compañeros detenidos, como los casos recientes de Sergio Pérez Molina, miembro de CP y Lumi Videla miembro de CC ²⁵ (EL REBELDE, 1974, p. 5).

O caso de Lumi Videla, citado no jornal, tornou-se amplamente conhecido pelos detalhes brutais de sua morte e pela maneira como a DINA tentou responsabilizar o MIR pelo crime contra sua própria companheira. Presa no centro clandestino da rua José Domingo Cañas, Cuartel Ollagüe, após ser torturada junto de seu companheiro Sérgio Pérez Molina, abusada sexualmente e assassinada, Videla teve seu corpo jogado em frente à embaixada Italiana. Desse modo, a polícia política, assim como os demais órgãos do Estado conjuntamente aos meios de comunicação, poderia criar uma história que levasse a opinião pública a temer a militância política e confiar nas ações do Estado contra a esquerda. Assim como esse, diversos outros casos de contrapropagandas e *fake news* foram desenvolvidas com auxílio das mídias cúmplices da ditadura para justificar a repressão, haja vista a Operação Colombo, com 119 desaparecidos e a sua relação com os jornais *El Mercurio*, a *Revista Lea* da Argentina e o jornal brasileiro *O Dia* (Cf. SALAZAR, 2011, p. 206)²⁶

A denúncia dos crimes da ditadura no periódico também abriu espaço para outra forma de comunicação, aquela oriunda dos familiares e dos companheiros de presos e de

²⁴ O caso da Calle Santa Fé pode ser visto no documentário de mesmo nome, dirigido por Carmen Castillo, ex-companheira de Enríquez e vítima da DINA. CALLE Santa Fé. Dirección Carmen Castillo Calle Santa Fe. 2007. Chile/França/Bélgica, DVD.

²⁵ Onde diz “CP”, leia-se Comité Político, e “CC”, Comité Central.

²⁶ Sobre a Operação Colombo, ler “Operación Colombo: El caso de los 119”. In: Archivo Chile. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Derechos_humanos/119/ddhh1190006.pdf>

desaparecidos políticos, que alimentavam a cada dia, as estatísticas de vítimas da repressão. Segundo a Comissão Nacional sobre Prisão Política e Tortura, também conhecida como Comissão Valech (2003), foram descobertos 1.132 recintos clandestinos de detenção por todo o país, locais onde as brigadas repressivas da DINA, e posteriormente da CNI, empregavam as técnicas de violência física e psicológica com a finalidade de **suprimir** a resistência e obter informações. Nesse sentido, a solidariedade com aqueles afetados pela crescente situação se manifestava na concessão de visibilidade e voz, a exemplo da entrevista com o pai de uma companheira desaparecida em fevereiro de 1977²⁷, na 125ª edição do jornal (EL REBELDE, 1977, p. 11) e da declaração de apoio “a la heroica lucha de los familiares de los 2500 desaparecidos”, no exemplar nº 128 do mesmo ano:

[...] El MIR llama: a todos los trabajadores y al pueblo de Chile a apoyar y a unirse por todos los medios posibles, necesarios y eficaces, a la lucha de los familiares de los desaparecidos y a redoblar la lucha por imponer respeto a los derechos humanos en Chile. Llamamos a expresar en conversaciones y asambleas en forma pública, el apoyo total a la lucha de los familiares de los desaparecidos, y a exigir que la dictadura responda a sus exigencias, aclare la suerte corrida por los desaparecidos y ponga fin a la hipócrita y criminal política permanente de asesinatos, desapariciones y torturas contra nuestro pueblo.²⁸

Por fim, impulsionados pelos desdobramentos do golpe e da instauração da ditadura, o MIR tornou constante em suas publicações a crítica ao governo e suas arbitrárias decisões político-econômicas, que geravam graves consequências aos cidadãos, sobretudo às classes trabalhadora e camponesa, defendidas pela esquerda. Isso porque as primeiras medidas adotadas pelos militares foram anular a reforma agrária de Allende e devolver as terras aos antigos proprietários, além de manter estagnadas aquelas empresas nacionalizadas no governo da UP. Em agosto de 1975, na edição nº108 do *El Rebelde*, o movimento pontuava a crise econômica derivada da doutrina de choque adotada por Pinochet²⁹ e influenciada pelos *Chicago Boys* estadunidenses (Cf. KLEIN, 2007).

Al acercarse los dos años de dictadura militar gorila, la Junta Militar ha entrado en un acelerado debilitamiento político, mientras el movimiento de

²⁷ Os nomes Juan e Silvia, citados na publicação para designar pai e filha, são fictícios a fim de preservar suas identidades, conforme está indicado na mesma página da entrevista no periódico.

²⁸ EL REBELDE, *op.cit.* p.28

²⁹ Os preceitos neoliberais não eram consenso nas Forças Armadas. Havia alas de militares dentro da Junta e no corpo das Forças que discordavam de Pinochet e do intervencionismo estadunidense. Membros dos *Chicago Boys* iam com frequência ao Chile, mas a organização e implementação do neoliberalismo foi feita por adeptos da Escola de Chicago no país andino. É a ala civil presente e atuante no governo ditatorial, liderada por Jaime Guzmán, a responsável pela institucionalização do neoliberalismo, que se materializou no primeiro texto da Constituição apresentado no ano de 1978.

masas y de resistencia manifiesta una creciente activación. La crisis y el caos económico provocado por la política de “shock” y superexplotación del gobierno gorila tiene las más desastrosas consecuencias sobre la actividad productiva del país. Cientos de industrias quiebran, cierran sus puertas, paralizan sus máquinas o reducen al mínimo la producción. Centenares de miles de obreros y empleados son lanzados a la cesantía y otros (EL REBELDE, 1975, p. 2).

Essa e outras publicações do MIR expressam uma clara percepção do momento em que se vivia. A super exploração da força de trabalho mencionada no periódico, explicava, na perspectiva do grupo, a deterioração das condições materiais de vida e a necessidade de perpetuar as práticas repressivas do Estado (VALDÍVIA et.al., 2006, p. 159). No exemplar nº124, de dezembro de 1976 (EL REBELDE, p. 3), o grupo ainda cita o apoio que a América Latina recebia do “imperialismo yanqui” e a aparente estabilidade econômica, “produto da sobreexplotación de los trabajadores y por el repunte de el precio del cobre”. Tais marcas do desenvolvimento do capitalismo neoliberal afrontavam diretamente o projeto mirista, motivo pelo qual a questão econômica era pauta constante nos manifestos e no periódico, transformando o MIR no que Peter Kornbluh (2013, p. 173) chamou de alvo nº1 da ditadura. Embora isso seja verdade, vale ressaltar que assim como o MIR, o PCCh, o PS, o MAPU, a esquerda cristã e qualquer cidadão alinhado às políticas nacionalistas e anticapitalistas eram considerados potenciais inimigos e alvos do Estado, podendo variar a intensidade da perseguição a eles de acordo com a conjuntura e objetivos dos órgãos de inteligência e segurança.

Nos anos seguintes ao golpe de Estado, apesar dos contínuos ataques dos órgãos repressivos, que forçaram o MIR a optar pelo exílio e inviabilizaram articulações políticas mais diretas entre o movimento e as massas, o *El Rebelde* manteve-se como uma ferramenta de contato e resistência, dando “luz a mensajes que de outra forma no podrían ser publicados, lo que le da a la sociedad la posibilidad de generar sus propias redes de trabajo y organización.”³⁰

A longa duração do periódico demonstrou e ainda demonstra³¹ a construção de um importante canal de comunicação estabelecido entre movimento de esquerda radical e seu público alvo, ou seja, militantes políticos, a classe trabalhadora e todos aqueles que se sentiam representados pela luta contra o sistema advogada pelo MIR. Além disso, sublinha-se a ideia de que o MIR, para além da guerrilha armada em si mesma, utilizava outros métodos de

³⁰ VALADARES, *op.cit.*, p.34

³¹ Disponível em: <<https://elrebelde.cl/>>

resistência, estimulando e elucidando a importância da estratégia e a legitimidade da adesão à luta armada num contexto de avanço do Terrorismo de Estado.

Considerações finais

Refletindo sobre a prática do MIR ao longo de sua trajetória enquanto oposição, principalmente a partir de sua permanência no Chile, da clandestinidade e de sua opção pelas armas, o *El Rebelde* se encontra inserido nos instrumentos fundamentais do grupo para se constituir enquanto oposição. Dentre as formas de luta, desde as armas até o silêncio diante da tortura, a escrita e a difusão da informação, mesmo que fora dos canais oficiais de comunicação, coloca-se como uma dentre tantas formas de resistir num cenário de extrema censura e violência, no qual a circulação de informações era seletiva e as ações repressivas realizadas pela DINA e por outros órgãos estatais de inteligência e segurança eram ocultadas.

A manutenção e a resistência da militância no Chile permitiu que, mesmo com significativas perdas em 1978, ocorresse a *Operación Retorno*, iniciativa tática que tentaria fortalecer a estrutura militar do MIR, com a reinserção no país de quadros político-militares provenientes do exílio na Líbia, Vietnã, Argélia e sobretudo em Cuba, onde esteve exilado Andrés Pascal Allende e onde encontrou espaço para aprimorar as técnicas da guerrilha. Anterior a isso são ainda as discordâncias internas, que vinham pelo menos desde 1975, no MIR, e o levou a fragmentar-se, em 1986, entre *MIR-Militar* e *MIR-Político*, ambos dissolvidos em 1990. Nesta mesma década, surgiram o *MIR Ejército Guerrillero de los Pobres* e o *MIR Juventud Rebelde Miguel Enríquez*, que abandonou a estratégia da luta armada somente em 1997 (JORQUERA, 2014). Ainda assim, o *El Rebelde* permaneceu circulando, buscando frear os objetivos militares estratégicos da ditadura, conjugando as operações na cidade e no campo e, posteriormente, difundindo suas pautas políticas no cenário democrático.

Portanto, levando em conta o explanado, é possível dizer que, para além das armas, o MIR se destaca enquanto grupo militante, que assumiu elevados riscos ao manter na escrita do jornal uma possibilidade de lutar contra os valores da ditadura, alertar os militantes sobre os agentes da repressão, denunciar as violações dos direitos humanos, defender sua ideologia, valorizar a classe trabalhadora, apresentar aos chilenos uma alternativa de radicalização e de informação. Embora esse tenha sido um duro período para o MIR, para todos os partidos de esquerda e para uma geração inteira de chilenos, a permanência do movimento na clandestinidade e sua presença ainda hoje no campo político demonstram o caráter aguerrido

assumido por seus membros, representando um dos poucos exemplos de resistência do contexto ditatorial latino-americano, que ultrapassou a barreira do tempo e persiste nas lutas anticapitalistas no Chile atual.

Fontes:

ARCHIVO CHILE. Pauta del MIR para unir fuerzas dispuestas a impulsar la lucha contra la dictadura. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Miguel_Enriquez/doc_de_miguel/miguelde0008.pdf>

Acessado em 05/08/2019

CHILE. Acta de Constitución dela Junta de Gobierno, 11/09/1973. Disponível em: <<http://www.archivochile.com/entrada.html>> Acessado em: 02/08/2019

CHILE. Proclama. 11/09/1973. Disponível em: <<http://www.archivochile.com/entrada.html>> Acessado em: 02/08/2019

Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura (Informe Valech). Capítulo VI: Recintos de Detención. Disponível em: <<http://www.fasic.org/dumentos/Capitulo%206.pdf>> Acessado em: 16/08/2019

Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación (Informe Rettig). Disponível em: <<https://bibliotecadigital.indh.cl/handle/123456789/170>> Acessado em: 19/08/2019

EL REBELDE, n° 102, 1974. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Publi_ICH/MIR/EI%20Rebelde/Nr102.pdf> Acessado: 01/01/2019

EL REBELDE, n° 105, 1975. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Publi_ICH/MIR/EI%20Rebelde/Nr105.pdf> Acessado: 01/01/2019

EL REBELDE, n° 108 e n°109, 1975. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Publi_ICH/MIR/EI%20Rebelde/Nr108-109.pdf> Acessado: 01/01/2019

EL REBELDE, n° 124, 1976-1977. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Publi_ICH/MIR/EI%20Rebelde/Nr124.pdf> Acessado: 01/01/2019

EL REBELDE, n° 125, 1977. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Publi_ICH/MIR/EI%20Rebelde/Nr125.pdf> Acessado: 01/01/2019

EL REBELDE, n° 128, 1977. Disponível em: <https://www.archivochile.com/Publi_ICH/MIR/EI%20Rebelde/Nr128.pdf> Acessado: 01/01/2019

Foreign Relations of the United States 1969-1976, Volume XXI. Memorandum for the Record, November 19th 1970. Disponível em: <<http://static.history.state.gov/frus/frus1969-76v21/pdf/frus1969-76v21.pdf>> Acessado em: 06/03/2020.

MIR, **Declaración de Principios**, 1965. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Archivo Mir/Doc Agosto 65 a 67/miragosto65a670001.pdf>
> Acessado em: 16/08/2019

MIR, **Programa del Movimiento de Izquierda Revolucionaria**, 1965. Disponível em: <http://www.archivochile.com/Archivo Mir/Doc Agosto 65 a 67/miragosto65a670002.pdf>
> Acessado em: 16/08/2019

Referência Bibliográfica:

ÁLVAREZ, Rolando. **Desde las sombras: Una historia de la clandestinidad comunista (1973- 1980)**. Tesis para optar al grado de Magister Artium, mención Historia. Universidad Santiago de Chile, Santiago de Chile, 2001.

AMORÓS, Mario. **La DINA: El Puño de Pinochet**. Ponencia presentada en el 53° Congreso Internacional de Americanistas, México DF, julio de 2009. Disponível em: <http://memoriando.com/noticias/1100-1199/1152amoros.pdf>> Acessado em 09/08/2019

BASSO, Carlos. **La CIA en Chile**. Santiago de Chile: Aguilar, 2013.

BORGES, Elisa Campos. **O projeto da via chilena ao socialismo do Partido Comunista chileno: Nem revisionismo, nem evolucionismo, nem reformismo, nem cópias mecânicas**. São Paulo, 2005. 238 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica.

BORGES, Elisa Campos. **Con la UP ahora somos gobierno! A experiência dos cordones industriales no Chile de Allende**. Niterói, 2011. 267 f. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal Fluminense, 2011.

BRUM, Maurício Marques. A via rupturista: O Movimento de Izquierda Revolucionaria e o governo de Salvador Allende (1970-1973). **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016.

CARTER, Fernando Manuel Figueroa. **“EL MIR NO SE ASILA”: La clandestinidad del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) 1973 – 1983**. Tesis para optar al título de profesor en historia y ciencias sociales, con mención en arte y patrimonio y al grado académico de licenciado en educación. Universidad del Pacífico, 2013.

CURY, Márcia. **O protagonismo popular. Experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2017.

DONOSO, Igor Goicovic. Pueblo, conciencia y fusil. El Movimiento de izquierda Revolucionaria (MIR) y la irrupción de la lucha armada en Chile (1965-1990). In: POZZI, Pablo A.; PÉREZ, Claudio. **Por el camino de Che: Las guerrillas latinoamericanas 1959-1990**. Imago Mundi: Buenos Aires, 2011.

JORQUERA, Álvaro Pérez. **El Debate de Estrategias al interior del MIR. Elementos para una reconstrucción histórica crítica sobre el Movimiento de Izquierda Revolucionaria (1965 - 1990)**. Tesis para optar al Grado de Licenciado en Historia, Universidad de Chile, 2014.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo do desastre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

KORNBLUH, Peter. **The Pinochet File: A Declassified Dossier on Atrocity and Accountability**. New York: New Press, 2013.

LOPEZ, Jose Leonel Calderón. **La política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) durante los dos primeros años de la dictadura militar (1973-1975)**. 2009. Santiago. Trabalho de Conclusão de Curso em História- Universidade de Santiago.

MATTOS, Renata dos Santos de. **Make the economy scream: o plano ITT-CIA e os impactos no governo de Salvador Allende (1970-1972)**. 2015, 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MOULIAN, Tomás. **Chile actual: anatomía de un mito**. Santiago: LOM, 1997.

NERCESIAN, Inés. Los años setenta em debate, análisis del MIR chileno y la izquierda peronista sobre la realidade latino-americana. In: **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, N° 23, p. 261-284, Jul./Dez., 2017.

PÉREZ, Cristian. Historia del MIR. Si quieren guerra, guerra tendrán. **Estudios Públicos**, n. 92, 2003. Disponível em: <https://www.cepchile.cl/cep/site/docs/20160304/20160304093124/rev91_perez.pdf> Acessado em: 08/08/2019

SALAZAR, Manuel. **Las letras del horror. Tomo I: La DINA**. Santiago: LOM, 2011.

SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. **“Por ti, América”: Luta Armada, Internacionalismo e Latino-Americanismo na Trajetória da Junta de Coordinación Revolucionaria**. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2016.

VALADARES, Marlene. **Combatiendo la dictadura desde la prensa clandestina**. Reportaje de investigación sobre la prensa clandestina durante la época de dictadura em Chile. Museo de la Memoria y los derechos humanos. Disponível em: <<http://www.cedocmuseodelamemoria.cl/wp-content/uploads/2015/06/Investigaci%C3%B3n-prensa-clandestina.pdf>> Acessado: 07/03/2020

VICKER, René Ramirez. **Entre el papel y la metralla: apuntes para la historia de la prensa clandestina em la primera etapa del Chile dictatorial (1973-1980)**. Universidad de las Américas, Facultad de Comunicaciones, 2012.

VIDAL, Hernán. **El Movimiento de la Izquierda Revolucionaria (MIR) de Chile en la justicia transicional**. Alternativas: Santiago, 2013.

ZÁRATE, Verónica Valdívía Ortiz de; VALLEJOS, Rolando Álvarez; VALLEJOS, Julio Pinto. **Su revolución contra nuestra revolución: Izquierdas y derechas em el Chile de Pinochet (1973-1981)**. Santiago: LOM Ediciones, 2006.